



A Praça 7 de setembro é o centro do centro de Belo Horizonte. O obelisco não deixa dúvidas. À Praça 7 tudo converge. As dezenas de pontos de ônibus, as centenas de lanchonetes, as pessoas aos milhares: o centro é velocidade. O movimento que não pode parar no centro da cidade.

Fila de banco. Fila de comida a quilo. Fila de ônibus. Fila de emprego. Fila de elevador. Fila para ir embora. O mais um dia de trabalho que se encerra. A certeza do cotidiano que garante um dia após o outro. O centro não muda.

À direita, o Posto de Serviços Integrados Urbano. O Psiu é, de acordo com o governo, “o Estado mais perto da pessoa humana”. Filas, senhas, números. Emprego. Poucas vagas. Gente de sobra. Isso também não importa. Em um eventual terremoto, o Psiu será lembrado pela fila que se formava para ver o clássico do futebol mineiro.

A praça não é mais 12 de outubro como uma vez já foi. Desde os anos 20 a homenagem não é mais à 1492, o ano da descoberta de Colombo. A independência ganhou. A pátria em primeiro lugar. Fato sem importância para as centenas de subempregados que movimentam o centro, dentro das galerias, sempre prontos para correr atrás do próximo ônibus ou dos táxis lotação que não conseguem não atrapalhar o trânsito.

Av. Amazonas com Av. Afonso Pena - Centro - BH